

	relatório final da pesquisa de pós-doutorado de Marcos Fontoura de Oliveira	set. 2022
Introdução		

a Rolland Barthes (1915-1980)

Considerações iniciais

Decidi escrever este documento na primeira pessoa como uma estratégia para motivar a sua leitura. Há muito tempo me ensinaram que a primeira frase de um livro é a que fisga o leitor e o leva, cativo, até o final. Capturado por “primeiras frases”, leio muito, e de tudo um pouco. Resta-me esperar que você se sinta tocado e leia este documento integralmente. Se assim for, se gostar do que leu e/ou se seus interesses convergirem com os meus, faça contato comigo para conversarmos e seguirmos pesquisando *juntos*. Oxalá isso aconteça. Meu e-mail é marcosfolevantebh@gmail.com.

Este documento é a primeira versão da introdução do relatório final da minha pesquisa de pós-doutorado (pós-doc) na Universidade de Lisboa em 2022-2024. Ele está dividido em cinco partes, além destas considerações iniciais (que abrem o relatório) e das referências (ao final).¹

Iniciei a pesquisa documental da minha pesquisa, ainda sem saber que formato ela tomaria, durante a vigência de um governo federal, democraticamente eleito no Brasil em 2018, mas abertamente contrário a muito do que considero ser necessário para *vivermos juntos* civilizadamente. Este relatório é, portanto, uma peça de resistência.² Ela é

¹ São elas: 1) Fundamentação teórica; 2) A escolha do nome da pesquisa; 3) Quem sou eu; 4) Os produtos da pesquisa; 5) Considerações finais. Destaque-se que para tornar a leitura mais fluida, em todos os documentos que compõem o meu relatório as referências estão lançadas em notas de rodapé conforme sugerido por FRANÇA, J.L. & VASCONCELOS, A.C. (2007, p.134).

² Guardadas as devidas diferenças, minha peça de resistência é como o conjunto de sete obras que Nuno Ramos nomeou *A extinção é para sempre*, que “surge como resposta poética à situação pandêmica e à conjuntura brasileira” (SESC-SP, 2022). Segundo o próprio artista: “Pensei neste conjunto de trabalhos pressionado por esta inédita sensação de ameaça, buscando uma reação. Reação, antes de mais nada, através do próprio exercício da linguagem.” (RAMOS, N., 2022b). Ambos sustentados na linguagem, esses dois produtos apostam na importância de construir um “como viver junto na cidade”.

Como viver junto na cidade

impulsionada por um confinamento forçado, trabalhando 100% em *home office* de março de 2020 a maio de 2022 como consequência da pandemia de Covid-19.³

Além do desfavorável panorama político nacional e da pandemia, Belo Horizonte viveu, durante meu confinamento em 2020-22, um momento de grande instabilidade na gestão da mobilidade urbana em Belo Horizonte.

Explico. Uma mudança burocrática em 2020, que parecia ser uma mera “dança das cadeiras”⁴, seguida de movimentações políticas entre os poderes Executivo e Legislativo de Belo Horizonte, resultou na criação da Superintendência de Mobilidade do Município de Belo Horizonte (Sumob-BH) com autorização para extinção da Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte S.A (BHTrans).⁵ Tomando de empréstimo palavra usada por José Murilo de Carvalho para dar nome a livro que trata da transição da Monarquia para a República no Brasil, podemos dizer que os especialistas em mobilidade urbana brasileiros (e os belo-horizontinos em especial) assistiram bestializados ao início da extinção da BHTrans em 2020.⁶

Em maio de 2022 a minha pesquisa começou a tomar o formato de uma pesquisa de pós-doc, à qual dei o nome de *Como viver junto na cidade*. Isso se deu após contato formal com a professora Rosário Macário do Instituto Superior Técnico (IST) da Universidade de Lisboa (Portugal), que aceitou supervisionar a pesquisa. Desde já, agradeço a ela por me acolher tão prontamente.

³ A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a Covid-19 como pandemia em 11 de março de 2020.

⁴ Chamada “Musical chairs” em inglês e “Juego de la silla” em castelhano, “dança das cadeiras” é nome dado a uma brincadeira para entretenimento de pessoas. Metaforicamente, é expressão usada para nomear situações políticas em que um líder substitui outro, apenas para também ser rapidamente substituído devido a alguma instabilidade no sistema de governo.

⁵ Conforme BH (2021c17).

⁶ “Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi” conforme CARVALHO, J.M. (1987). Dentre as poucas reações contra a extinção da empresa, destaquem-se as dos empregados da BHTrans (por meio de seus sindicatos), as de alguns poucos vereadores e a da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP) por meio de uma carta pública ao prefeito de Belo Horizonte (conforme ANTP, 2021b). Até onde se sabe, essa carta sequer foi respondida.

1 Fundamentação teórica

A pesquisa *Como viver junto na cidade*, da qual você está lendo a primeira versão de sua introdução, busca aproveitar uma “janela de oportunidades”: uma *policy window* conforme propõe John Kingdon em *Agendas, Alternatives, and Public Policies*.⁷

Minha avaliação é de que, nos próximos meses, e sabe-se lá até quando, os tomadores de decisão municipais e metropolitanos de todo o país continuarão sendo fortemente pressionados a dar soluções locais para problemas nacionais de mobilidade urbana. Muitos desses problemas já existiam, mas pioraram com a pandemia de Covid-19. O financiamento do custo do transporte coletivo, que é apenas um deles, já até impulsionou prefeitos a adotarem a tarifa zero no transporte coletivo de suas cidades. É o caso, por exemplo, de Caeté e Ibirité, para ficarmos apenas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).⁸

Como sabemos que problemas estruturais não se resolvem com medidas tópicas, mas não se pode ficar localmente paralisado durante crises nacionais, os gestores da mobilidade urbana serão – todos – submetidos a algum desgaste e muito stress. É nesse momento que soluções bem fundamentadas – como as que formulo em minhas notas técnicas – podem encontrar ambiente para serem adotadas pelos tomadores de decisão de Belo Horizonte e, até mesmo, de outras cidades. Cito Kingdon, em tradução livre minha: “A *policy window* é uma oportunidade para os defensores de propostas empurrarem suas soluções preferidas para seus problemas especiais”.⁹

Minha pesquisa tem como objetivo central, portanto, apresentar soluções para problemas de falta de acessibilidade com desenho universal no sistema de mobilidade urbana de Belo Horizonte, para atendimento ao que já dispõe a legislação vigente. Esses problemas, mesmo não sendo considerados como prioridade pelos gestores, continuam e continuarão exigindo respostas dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). Quem cobra e continuará cobrando por soluções são, especialmente, a sociedade civil organizada e os órgãos de controle. Minhas soluções, portanto, são dirigidas tanto aos que cobram quanto aos que são cobrados.

⁷ Conforme KINGDON, J.W. (1995a).

⁸ Conforme MANSUR, R. (2021) e PASSAGEM (2022).

⁹ No original: “The policy window is an opportunity for advocates of proposals to push their pet solutions, or top up attention to their special problems” conforme KINGDON, J.W. (2003c, p.165).

Como viver junto na cidade

Se a mobilidade urbana é, sabemos todos, um assunto complexo, a falta de acessibilidade na mobilidade urbana é certamente um problema de alta complexidade e de difícil solução, um autêntico *wicked problem*. Para essa conclusão, amparo-me, nas formulações de Horst Rittel e Melvin Webber em 1973 e na leitura que delas fizeram autores como Quim Brugué em 2015.¹⁰

Como não são simples as soluções para os *wicked problems*, o que os faz ficarem distantes das agendas de prioridades, minha pesquisa tem como meta desenhar um conjunto de soluções para superá-los, que sejam viáveis a curto prazo. A depender de como elas forem assumidas pelo poder público e de como forem amparadas em acordos com as partes interessadas, essas soluções podem permitir avançar na busca de uma cidade melhor para todos, mesmo assumindo que serão integralmente cumpridas apenas a médio e longo prazos. Podem, também, proteger os atuais gestores públicos de acusações de descumprimento da rigorosa legislação vigente, que já é flagrante em alguns casos.¹¹ Isto, mesmo que nesse pacote de soluções haja – e há – medidas que não serão imediatamente implantadas, exigindo a adoção de medidas assumidamente temporárias como uma antecipação imediata possível. Como disse, minha ideia é aproveitar a janela de oportunidades (*policy window*) que está temporariamente aberta.

É importante destacar que na proposição de soluções sustentadas no desenho universal para garantir o direito à cidade, adoto o urbanismo de resultados nos termos propostos por François Archer em 2001. Assim fazendo, migro das regras de exigências para as regras de resultados.¹² Um dos pilares de minha pesquisa é que o desenho universal não é um direito, apenas, das pessoas com deficiência, como pode parecer à primeira vista, com base no senso comum e em uma leitura superficial da legislação. Uma cidade com desenho universal é aquela que permite a todas as pessoas serem desiguais com direitos iguais. E mais: criar as condições para que pessoas com mobilidade reduzida tenham garantido seu direito à cidade, é garantir o direito à convivência entre os diferentes.

¹⁰ RITTEL, H.W.J. & WEBBER, M.M. (1973); BRUGUÉ, Q. et al. (2015). Esses autores espanhóis traduziram *wicked* (do original em inglês) para *maldito*. Na falta de uma palavra em português que traduza bem *wicked* (que seria bizarro, diabólico, maldito, malicioso, perverso) para qualificar esse tipo de problema, na minha pesquisa traduzo *wicked problem* como “problema de difícil solução”.

¹¹ Em 2015, a LBI estabeleceu uma nova tipificação de improbidade: “IX – deixar de cumprir a exigência de requisitos de acessibilidade previstos na legislação.” (BRASIL, 2015a, art.103).

¹² “O neourbanismo privilegia os objetivos, os resultados a ser obtidos [...]. Esse urbanismo de resultados deve se esforçar para produzir regras ao mesmo tempo incentivadoras e limitantes. Isso requer competências técnicas e profissionais muito mais elaboradas.” conforme ARCHER, F. (2010, p.84).

Como viver junto na cidade

A minha pergunta de partida na pesquisa *Como viver junto na cidade* é, portanto: *como efetivar em Belo Horizonte o direito ao desenho universal na mobilidade urbana já concedido pela legislação brasileira?* O meu desafio pode ser assim formulado: *como garantir o desenho universal para vivermos todos juntos sem desconsiderar que as pessoas são todas diferentes?*

As soluções apresentadas nas minhas notas técnicas, das quais falo detalhadamente mais adiante, estão amparadas em dez conceitos, cada qual derivando para outros que os complementam. São eles (em ordem alfabética para não sugerir uma hierarquia): 1) acessibilidade com desenho universal; 2) alteridade e ética; 3) classes (de serviços e pessoas); 4) cultura cidadã; 5) direito à cidade (como integrante de um rol de direitos); 6) exclusão, inclusão, integração, segregação e formas de acesso a locais, serviços e mobiliários; 7) igualdade e equidade na desigualdade; 8) mobilidade urbana; 9) política; 10) utopia.

Esses dez conceitos, usados ao longo das minhas notas técnicas, permitem a todos bem entenderem, por exemplo, o que é “acessibilidade com desenho universal na mobilidade urbana”. O desenho universal é um conceito muito falado e pouco entendido por gestores brasileiros da mobilidade urbana brasileiros em geral e, pontualmente, pelos atuais tomadores de decisão em Belo Horizonte.

O que se vê sendo praticado na mobilidade urbana, diariamente, Brasil afora e em Belo Horizonte em particular, permite-me concluir que há uma ignorância generalizada no assunto, para além da falta de interesse em priorizar o cumprimento do direito à acessibilidade com desenho universal. Não será por falta de informação que doravante, na mobilidade urbana de Belo Horizonte, se continuará decidindo de forma equivocada e ilegal, que se continuará violando direitos garantidos na legislação vigente, que se continuará não exigindo que direitos sejam efetivados.

Ao longo das minhas notas técnicas, o leitor conhecerá situações na mobilidade urbana, ao longo do tempo e da história, que são por mim tipificadas como exemplos de exclusão, inclusão, integração ou segregação. Em cada documento são mostradas possibilidades de efetivação e formas de negação do direito à acessibilidade com desenho universal na mobilidade urbana. Em cada caso, a tipificação se dará pela ausência ou pela

Como viver junto na cidade

adoção do “desenho universal como regra de caráter geral”, que é como está formalizado esse direito na legislação brasileira.¹³

Concluo minhas considerações iniciais apoiando-me na aula “Precisamos falar de democracia” de Marilena Chaui. Cito-a: “O cerne da democracia, [...] o que lhe dá sentido, é a criação, a conservação e a garantia de direitos. Esses direitos se erguem na forma de contrapoderes”.¹⁴ O direito à acessibilidade com desenho universal é tomado em minha pesquisa como um direito capaz de impulsionar a democracia: um contrapoder estratégico para conseguirmos *viver juntos na cidade*.

2 A escolha do nome da pesquisa

Feitas as considerações iniciais, tomemos agora o nome da minha pesquisa: *Como viver junto nas cidades*. Por que dei a ela esse nome?

Minha inspiração inicial é o *Como viver junto*, de Roland Barthes, originalmente *Comment vivre ensemble* em francês e, dentre muitas outras línguas para as quais o livro foi traduzido, *Cómo vivir juntos* em castelhano e *How to Live Together* em inglês.¹⁵

Ao nome das aulas e seminários de Roland Barthes (1976-1977), adicionei o “na cidade”, que é onde vivo, gosto de viver e pretendo continuar vivendo. Justifico essa escolha apoiando-me no antigo ditado popular alemão: *Stadtluft macht frei* (O ar da cidade torna você livre).¹⁶ Essa expressão está cunhada em moeda alemã de 1€ no ano 2002 para comemorar o *Deutsche Mützgeschichte 1200 Jahre* (1.200 anos de história da moeda alemã).¹⁷ A Figura 1, que segue, mostra um dos lados dessa moeda.

¹³ “Art. 55. A concepção e a implantação de projetos que tratem do meio físico, de transporte, de informação e comunicação, inclusive de sistemas e tecnologias da informação e comunicação, e de outros serviços, equipamentos e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, devem atender aos princípios do desenho universal, tendo como referência as normas de acessibilidade. §1º O desenho universal será sempre tomado como regra de caráter geral.” conforme BRASIL (2015a). Serão tomados como balizadores nas análises os sete princípios do desenho universal estabelecidos pela *North Carolina State University* (NCSU) em 1997, com as seguintes designações estabelecidas no Brasil: uso equitativo; uso flexível; uso simples e intuitivo; informação de fácil percepção; tolerância ao erro; baixo esforço físico; dimensão e espaço para aproximação e uso” conforme ABNT (2015b) e ABNT (2020a3).

¹⁴ CHAUI, M. (2020a).

¹⁵ BARTHES, R. (2002; 2003a; 2005; 2012).

¹⁶ CHARLOTTE D. (2022); KISLINGER, H. (2018). Tradução livre minha para expressão comumente traduzida como “O ar da cidade o torna livre”. Cito Charlotte D.: “A partir do século 11, com o crescimento das cidades, tornou-se o direito consuetudinário que se um servo vivesse em uma cidade por um ano e um dia [...] estaria livre de seu senhor e não poderia ser reclamado por ele. Muitos servos começaram a fugir das terras feudais para ganhar liberdade na cidade [...]”.

¹⁷ ALEMANHA (2002) com tradução livre minha.

Como viver junto na cidade

Figura 1 - “Stadtluft macht frei” em moeda alemã (2002)



fonte: ALEMANHA (2002).

Se viver na cidade é o que nos tornava livres do jugo do senhor feudal europeu, no passado, minha pesquisa apresenta o que precisamos fazer para que isso seja uma realidade hoje, para conseguirmos *viver juntos* e livres nas nossas cidades. Essa liberdade precisa ser disfrutada por todas as pessoas e não apenas pelas poucas que podem usufruir livremente de tudo que uma cidade oferece.¹⁸

Barthes não inspirou apenas a mim, naturalmente. Destaco aqui uma exposição de arte que adotou o nome de sua coletânea de cursos e seminários no *Collège de France*. Ela reforçou minha escolha pelo nome *Como viver junto na cidade*. Essa exposição, que visitei inúmeras vezes em 2007, é a 27ª Bienal de São Paulo, nomeada *como viver junto / how to live together*.¹⁹ Foi ali, pelas lentes do sul-africano Pieter Hugo, que conheci os homens que passeiam com suas hienas, babuínos e cobras em cidades nigerianas. No caso dos babuínos, fotografias os mostram com seus donos em Abuja, Asaba, Lagos e Ogere-Remo.

¹⁸ Comentando o livro “Learning from the Germans: Confronting Race and the Memory of Evil” (2019), Juliana Albuquerque nos conta que a filósofa Susan Neiman “retoma alguns dos temas da sua obra [...] para discutir se um processo semelhante ao que levou os alemães a assumirem a culpa pelos crimes cometidos durante a Segunda Guerra Mundial poderia ser adaptado à questão racial nos Estados Unidos” (ALBUQUERQUE, J., 2020b). Minha aposta é que continuam sendo usados métodos como os que, no passado, foram usados pelos nazistas na Europa e pelos racistas nos Estados Unidos, agora para segregar nas cidades as pessoas pobres, as pessoas com deficiência, as pessoas idosas etc. Lutar contra métodos racistas, capacitistas e idadistas (dentre outros) é uma necessidade ética para sermos capazes de barrar soluções apresentadas como modernas, inteligentes (*smart*) e inovadoras.

¹⁹ BIENAL-SP (2007a).

Como viver junto na cidade

Uma dessas fotografias, mostrada na Figura 2, me chamou especialmente a atenção e já a usei em inúmeras palestras que fiz, desde então.

Figura 2 – “Motociclista com babuíno Amiloo, Nigéria, 2005” de Pieter Hugo.²⁰



fonte: HUGO, P. (2005).

Ao ver novamente essa fotografia penso que é desafiador estabelecer *como viver junto* e conseguir regular as posturas municipais em cidades onde se pode, a qualquer momento, ver um macaco vestido com a camisa da seleção de futebol da Inglaterra montado na garupa de uma motocicleta. Destaco, nessa fotografia, a existência de uma corrente a nos mostrar que *Amiloo* não é um animal doméstico.

Antes de prosseguir, destaco outra exposição: a 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza (Biennale-Architettura 2021 – La Biennale di Venezia). Nesse caso, a questão barthesiana

²⁰ Tradução livre minha de “Motorbike rider with Amiloo, Nigeria, 2005”.

Como viver junto na cidade

foi transformada em uma pergunta, apostando ser necessário buscar respostas: *Como viveremos juntos? / How Will We Live Together?*.²¹

3 Quem sou eu

Faço aqui uma breve descrição para quem ainda não me conhece, para saber qual é o meu “lugar de fala” ou, melhor formulando, qual é o “lugar de onde eu falo”.²²

Sou um homem branco, de classe média, casado, brasileiro nascido em Belo Horizonte (Minas Gerais). Graduei-me em engenharia civil na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no longínquo ano de 1983. Desde então, venho fazendo um longo percurso de trabalho e de estudo. Minha formação acadêmica inclui uma especialização em Urbanismo na Arquitetura (1988) e outra na Geografia (1996), um mestrado em Administração Pública (2000) e um doutorado em Ciências Sociais (2014). Fiz também muitos cursos complementares, sendo os dois últimos: *Diplomado Internacional: Acción Internacional de los Gobiernos Locales* (2017) e *Faz escuro mas eu canto* (2021).²³

Para além de trabalhar e estudar, durante toda a minha vida participei de conselhos de políticas públicas e de organizações não governamentais (ONG). A mais recente ONG à qual me vinculei é o Centro Internacional de Longevidade no Brasil / International Longevity Centre (ILC-BRAZIL), onde atuo como coordenador de mobilidade urbana.

Iniciei a presente pesquisa aos 62 anos, trabalhando na BHTrans, uma empresa pública da administração indireta da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), onde entrei por concurso público em 1992. Ao retornar à engenharia para um pós-doc, depois de quase quarenta anos desde que me graduei, estarei certamente completando um novo ciclo de trabalho e pesquisa.

Um destaque: a pesquisa *Como viver junto na cidade* mantém sintonia com o trabalho que desenvolvo há quarenta anos, tanto dentro do Estado, quanto fora dele, sempre em busca de uma cidade para todas as pessoas. Não por outro motivo, o subtítulo de minha tese de doutorado, defendida em 2014, foi: uma pesquisa sobre o direito de acesso amplo e democrático ao espaço urbano.²⁴

²¹ Conforme BIENNALE-ARCHITETTURA (2021a).

²² Conforme RIBEIRO, D. (2017) e VON HUNTY, R. (2020c).

²³ [Clique aqui](#) para consultar o meu *Curriculum Vitae* na plataforma *Lattes*.

²⁴ OLIVEIRA, M.F. (2014a).

4 Os produtos da pesquisa

A pesquisa *Como viver junto na cidade* apresenta como produtos: um *website*, uma biblioteca, o embrião de uma rede de pesquisadores e um conjunto de notas técnicas. A presente introdução é igualmente um produto da pesquisa, especialmente elaborado para dar compreensão ao que ela contém.²⁵

Explico agora, neste *overview*, o nome *Levante-BH* que adotei para compor o nome dos produtos da minha pesquisa. Desde já agradeço à agência *Pallavra Certa* pela criação da logomarca, com letras fissuradas, reproduzida a seguir na Figura 3. Ela é usada no cabeçalho do presente documento e em todos os demais produtos da minha pesquisa.

Figura 3 – Logomarca do Levante-BH



A escolha pelo nome *Levante-BH* foi motivada pela minha visita à exposição *Levantes* no Sesc Pinheiros, em São Paulo. Com o nome *Soulèvements*, a exposição foi aberta ao público pela primeira vez em Paris, em outubro de 2016. Ela esteve exposta em São Paulo de outubro de 2017 a janeiro de 2018 e sua itinerância incluiu, ainda, Barcelona, Buenos Aires, Cidade do México e Montreal. Para não me delongar aqui, anexei ao final o meu texto – *Convite a um Levante* – que narra a escolha dessa palavra para nomear o que estou aqui

²⁵ Concluída no *setembro verde 2022* (mês da pessoa com deficiência) e *setembro azul 2022* (mês da visibilidade da Comunidade Surda Brasileira), esta é a versão A da introdução do relatório final da minha pesquisa. Acesse o verbete [dia comemorativo / semana comemorativa / mês comemorativo](#) da Biblioteca do Levante-BH para informações sobre outras datas importantes comemoradas em setembro, como a independência do Brasil, o Dia sem Carro, o Dia do Agente de Trânsito, dentre muitas outras. Desde já, destaque-se que neste documento ainda não é possível acessar os *links* lançados nas notas de rodapé para acesso a registros publicados na Biblioteca do Levante-BH. Esse acesso será liberado à medida em quem a pesquisa for avançando. Uma explicação adicional: como todos os documentos da presente pesquisa estão em elaboração/reelaboração permanente, a primeira versão de cada um será sempre identificada como “A”, a ser substituída por um “B”, depois um “C” e assim sucessivamente, até que a pesquisa seja integralmente concluída.

Como viver junto na cidade

produzindo.²⁶ Sua leitura permite compreender por que cada uma de minhas notas técnicas é um pequeno levante.

Antes de prosseguir descrevendo cada um dos produtos da pesquisa *Como viver junto na cidade*, cabe aqui uma explicação do porquê eu ter escolhido Belo Horizonte como cidade-objeto da minha pesquisa. Além de ser a cidade onde atualmente vivo, que conheço bem e já tomei como objeto de diversas outras pesquisas, é uma cidade que transborda vanguarda em questões urbanas, desde que substituiu Ouro Preto como capital de Minas Gerais em 1897.²⁷ Um bom exemplo é a instituição da gratuidade para as pessoas idosas nos transportes coletivos urbanos em 1984, em toda a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), que só viria a ser um direito nacional em 1988.²⁸

É importante demarcar que apesar de eu tomar Belo Horizonte como objeto da pesquisa, as propostas por mim formuladas poderão servir a qualquer cidade brasileira e até a cidades de fora do país. Minha premissa para essa afirmação é amparada em Tolstói: “Fale de sua aldeia e estará falando do mundo”. Sabemos que os problemas urbanos atuais das cidades são, muitas vezes, parecidos. As boas soluções que algumas cidades vão formulando e testando, portanto, precisam ser compartilhadas umas com as outras.

Em outro sentido, as experiências comprovadamente ruins de uma cidade não precisam ser testadas em outras: basta que as conheçamos bem para rechaçá-las. Um exemplo claro é o da implantação de roletas e linhas de bloqueio em ônibus e estações de transporte coletivo, mundo afora. Para tentar evitar a evasão de receita, muitas são as tentativas que, sob o manto de estarem sendo apenas “testadas”, violam flagrantemente os direitos dos usuários, em especial os das pessoas com deficiência.

Como os gestores não costuma querer compartilhar suas experiências fracassadas, infelizmente a informação sobre más ideias é escassa. A despeito disso, com base em tudo que pesquisei, cataloguei e analisei, pretendo elaborar um novo produto, que será um

²⁶ OLIVEIRA, M.F. (2019k) incluído como Anexo do presente documento.

²⁷ Em pelo menos uma versão da NTL n.º 2 afirmei: “A vanguarda de Belo Horizonte em algumas questões urbanas é destacada na parte inicial do relatório da presente pesquisa” e “Antecipando ações locais, a cidade de Belo Horizonte poderá usufruir de políticas federais de acessibilidade que certamente serão instituídas na gestão federal de 2023-2026. Como antecipado na parte inicial do relatório da presente pesquisa, essa é uma premissa nossa”.

²⁸ Conforme “Transporte, privilégio e política” em OLIVEIRA, M.F. (2002), livro publicado a partir da minha dissertação de mestrado defendida no ano 2000.

Como viver junto na cidade

desdobramento futuro da minha pesquisa. Seu nome já está até mesmo escolhido: *Como não viver junto na cidade: caixa de Pandora da cultura cidadã*.²⁹

Já que dei um *spoiler*, darei outro, igualmente um desdobramento futuro da minha pesquisa e que também já tem seu nome. Trata-se do *Como viver junto na cidade: mapa-múndi de boas ideias da cultura cidadã*.³⁰ Pretendo apresentar esses dois produtos lado a lado, em uma exposição. Já estou repleto de ideias – possibilidades – de como fazer isso. Possivelmente o farei em parceria com algum/alguma artista plástico. Espero poder em breve aguardar você, que está lendo essa minha confiança, na *vernissage* dessa exposição.

A seguir descrevo, sucintamente, cada um dos produtos da pesquisa *Como viver junto na cidade*.³¹

O *website* Levante-BH é um suporte eletrônico originalmente construído para suceder um sistema de informações que eu havia construído para sustentar a minha tese de doutorado e foi premiado pela PBH em 2014. Esse sistema evoluiu, adotando vários nomes, até ser denominado *Biblioteca do Levante-BH*, deixando de ser um suporte para ser um dos produtos da minha pesquisa. E por que dei a um conjunto de informações e documentos o nome de biblioteca? Para saber isso, tão logo o meu *website* esteja no ar, consulte o meu texto *Biblioteca do Levante-BH*.³² Lá eu narro como a minha biblioteca foi sendo formada e como Aby Warburg, Alberto Manguel, Howard S. Becker, Lewis Mumford e Robert Lepage me influenciaram. A página de abertura do *website* é mostrada na Figura 4, a seguir.

²⁹ A caixa de Pandora é o artefato por meio do qual “se iniciou a degradação da humanidade” conforme BRANDÃO, J.S. (1986, p.168). Reunir as más ideias que coletei ao longo da minha pesquisa, guardando-as de volta na caixa de Pandora, é uma tentativa de fazer com que de lá não saiam mais. Restará ainda convencer os Epimeteu, mundo afora, na pele de prefeitos e gestores urbanos, a não abrirem a tampa dessa caixa. Desde já, sabemos que essa não será uma tarefa simples.

³⁰ Minha inspiração é a obra “Mapa-múndi BR” de Rivane Neuenschwander” (NEUENSCHWANDER, R. (2007), que já gerou o meu “Mapa-múndi do Brasil de Rivane Neuenschwander” (OLIVEIRA, M.F., 2020r).

³¹ Minha meta, até o momento atingida desde junho/2022, é produzir pelo menos um documento ou concluir uma atividade da pesquisa a cada mês.

³² OLIVEIRA, M.F. (2019c5).

Figura 4 – Página de abertura do *website* Levante-BH



A Biblioteca do Levante-BH, integralmente acessada pelo *website* Levante-BH, tem hoje 18.558 registros.³³ É neles que se sustentam as análises contidas nas notas técnicas da *série NTL*, da qual falo mais adiante. Seus registros permitem, especialmente, conhecer a mobilidade urbana em geral e a mobilidade urbana de Belo Horizonte em particular. Dentre eles, 1.776 registros contêm resultados de indicadores, aí incluindo 233 específicos de acessibilidade.³⁴ Diante da escassez de informações quantitativas sobre acessibilidade, esses registros podem auxiliar as cidades que pretendem ser, efetivamente, inclusivas e sustentáveis.

Falo agora da rede Levante-BH. Trata-se de um conjunto de pessoas, das mais variadas formações, convidadas a acompanhar, cada qual a seu modo, a pesquisa *Como viver junto na cidade*. Ao final da pesquisa, aqueles que quiserem prosseguir *junto* comigo, em uma busca permanente por novas soluções capazes de construir cidades efetivamente inclusivas, permanecerão e impulsionarão a rede.³⁵

Quando o conteúdo integral do *website* for liberado para consulta, saberemos se e como a rede Levante-BH se efetivou. Saberemos, também, se essa rede será capaz de

³³Quantidades de registros apuradas em 05/02/2022.

³⁴Quantidades de indicadores apuradas em 05/02/2022.

³⁵ “cidade inclusiva – é aquela onde se efetiva a todas as pessoas o direito de acesso amplo e democrático ao espaço urbano, sem segregações, com autonomia e segurança, a qualquer momento, por meio de uma complexa teia de fatores espaciais, sociais e econômicos, inclusive garantindo que participem dos processos de governança, planejamento e orçamento” conforme OLIVEIRA, M.F. (2020c3). Essa definição foi especialmente elaborada para integrar o “Vocabulário de Acessibilidade com Desenho Universal na Cidade” apresentado na NTL n.º 1.

Como viver junto na cidade

interferir na melhoria da vida urbana (transformada, renovada)³⁶ em Belo Horizonte, essa cidade cujo nome mais parece uma exclamação.³⁷

Você, portanto, que está lendo esta versão A da introdução do relatório final da pesquisa de pós-doutorado de Marcos Fontoura de Oliveira, já está fazendo parte de um experimento científico. Explico. As pesquisas acadêmicas costumam ser cercadas de sigilo para que ninguém “roube a ideia” e publique um artigo em uma revista científica antes que a tese ou a dissertação seja formalmente defendida e aprovada. Não tenho esse receio.

Tudo que está contido nos documentos já produzidos para a minha pesquisa, bem como o que já produzi e ainda não usei diretamente, mas está arquivado nas prateleiras virtuais da Biblioteca do Levante-BH, é um material em evolução, um grande rascunho.

A narrativa contida nas postagens que publico quase que diariamente no *website* do Levante-BH, que em breve será de domínio público, são uma forma de resistência micropolítica. Essa é uma expressão usada por Marilene Filinto ao comentar a obra de Paul Preciado.³⁸ Vale destacar, aproveitando um pouco do que propõe esse filósofo *queer*: tudo que hoje escrevo e publico é uma narrativa resistente, é uma escrita de um levantino com o status de *copyleft* e não *copyright*. Estar à esquerda, mais uma vez, é um claro posicionamento meu.

O produto central da pesquisa *Como viver junto na cidade* é um conjunto de notas técnicas, todas propositivas e amparadas em diagnósticos, cada qual tratando de aspectos pontuais da acessibilidade com desenho universal para acesso pleno à cidade, com foco na mobilidade urbana. A elas dei o nome de *Notas Técnicas da Biblioteca do Levante-BH* ou, simplesmente, *série NTL*. Esses documentos são sucessores das minhas *Notas Técnicas de Acessibilidade* (denominadas *série NTA*), que elaborei e publiquei no *website* da BHTrans entre os anos de 2016 e 2021.

É importante aqui destacar que a transformação da *série NTA* em *série NTL* não é apenas nominal. Trata-se de uma mudança, principalmente, de objetivo. Deixo de almejar a produção de diagnósticos para auxiliar a formulação e o monitoramento de políticas e planos

³⁶ “O *direito à cidade* [...] Só pode ser formulado como *direito à vida urbana*, transformada, renovada.” conforme Henri Lefebvre em LEFEBVRE, H. (2008a1-2010).

³⁷ “Sabe-se que Minas já escolheu o território da sua capital, cuja descrição Olavo Bilac está fazendo na Gazeta. Chama-se Belo Horizonte. Eu, se fosse Minas, mudava-lhe a denominação. Belo Horizonte parece antes uma exclamação que um nome.” conforme Machado de Assis em ASSIS, J.M.M. (1894b).

³⁸ FELINTO, M. (2019).

Como viver junto na cidade

de mobilidade urbana. A minha meta agora é produzir diagnósticos com propostas de intervenção (formulação, implantação e monitoramento) relativas a uma ampla política urbana com desdobramento em planos e projetos. O que espero é que os produtos dessa nova pesquisa sejam insumos para a sociedade civil organizada cobrar a efetividade de seus direitos e para os gestores públicos tomarem suas decisões em prol de uma cidade efetivamente inclusiva.

Destaque-se que ainda em plena pandemia de Covid-19, eu comecei a questionar os objetivos das NTA e decidi paralisar a organização de seminários sobre acessibilidade.³⁹ Destaco, ainda, mais uma diferença entre NTA e NTL. Se, em 2015, a conclusão de uma pesquisa de doutorado me motivou a criar a *série NTA*, em 2022 o caminho foi inverso. A *série NTL* foi concebida para ser um dos produtos do meu pós-doc.

Fiz um primeiro ensaio das novas notas técnicas em janeiro de 2022, ainda denominando o produto como NTA. Posteriormente, rompi até mesmo com a denominação e criei a *série NTL*. As notas dessa nova série são produtos de uma pesquisa científica. Nada impede, no entanto, que sejam incorporados, total ou parcialmente, pela burocracia estatal.

À medida em que eu for concluindo uma nova NTL ou emitindo uma nova versão de nota já elaborada, eu as compartilharei com as pessoas que compõem o embrião da rede Levante-BH. Assim fazendo, as notas técnicas podem ser lidas, analisadas e criticadas antes de tomarem seus formatos finais. Essa é uma premissa. Ao final, quando a pesquisa for concluída, toda a *série NTL*, com toda a bibliografia que a sustenta, será compartilhada *on-line*, de uma só vez, no *website* Levante-BH.

Apresento agora, a seguir, o que cada documento da *série NTL* contém ou conterá.

A NTL n.º 1 contém as *Definições de conceitos da pesquisa “Como viver junto na cidade”*. Nela apresento as definições de conceitos centrais (palavras e expressões) utilizados nos produtos da pesquisa. Sua versão A foi concluída no *julho pretas 2022*, onde formulei uma advertência e apresentei um produto, dela derivado. A advertência é que, como

³⁹ Desde 2015, “seminários internacionais de acessibilidade na mobilidade urbana” vinham sendo por mim organizados e realizados a cada dois anos. Desde 2017, participei da organização de “seminários de mobilidades contemporâneas”, que vinham acontecendo anualmente em Belo Horizonte. Nesse ritmo, haveria um seminário em 2020 e dois em 2021. A pandemia no Brasil teve início em fevereiro de 2020, interrompendo imediatamente a realização do seminário de 2020 e, posteriormente, a dos seminários de 2021. Vale lembrar que no final de 2020 essa pandemia dava sinais claros de que não iria arrefecer em 2021 (não para os negacionistas, naturalmente) e a realização de seminários não-presenciais foi descartada. O arrefecimento da pandemia me pegou já decidido a iniciar o meu pós-doc.

Como viver junto na cidade

todo conceito, os por mim apresentados devem ser tomados como em permanente evolução e, para bem compreendê-los, organizei suas cronologias de formação. O produto é o que denominei *Vocabulário de Acessibilidade com Desenho Universal na Cidade*.

A NTL n.º 2 trata da *Instituição da Política Municipal de Acessibilidade com Desenho Universal de Belo Horizonte (Padu-BH)*. Sua versão A foi concluída em junho de 2022. A política que nessa nota técnica proponho instituir, por meio de um decreto municipal, é resultado de uma aposta, apresentado na forma de uma recomendação. A recomendação é que os tomadores de decisão de qualquer cidade brasileira aproveitem uma janela de oportunidades (*policy window*) para enfrentar um problema de difícil solução (*wicked problem*). Alerto, também, que ter um plano pronto, como o que proponho, com o compromisso de atualizá-lo permanentemente e prestar contas periodicamente, significa oferecer instrumentos à sociedade civil e aos órgãos de controle. Afinal, um plano permite cobrar aquilo que os governos têm a obrigação legal de fazer e anunciam que farão, mas muitas vezes não fazem.

A NTL n.º 3 tem o nome provisório de *Veículos de características urbanas do transporte público coletivo*.

A NTL n.º 4 tem o nome provisório de *Veículos de características rodoviárias do transporte público coletivo*.

A NTL n.º 5 tem o nome provisório de *Veículos de características ferroviárias do transporte público coletivo*,

A NTL n.º 6 tem o nome provisório de *BRT*.

A NTL n.º 7 tem o nome provisório de *Bonde e metrô*.

A NTL n.º 8 tem o nome provisório de *Pontos de parada e estações do transporte coletivo*.

A NTL n.º 9 tem o nome provisório de *Assentos e espaços preferenciais em veículos, pontos de parada e estações do transporte coletivo*.

A NTL n.º 10 tem o nome provisório de *Atendimento preferencial em filas e guichês de pontos de parada e estações do transporte coletivo*.

A NTL n.º 11 trata de *Linhas de bloqueio em estações de transporte coletivo*, tomando Belo Horizonte e sua Região Metropolitana (RMBH) como objeto central de

Como viver junto na cidade

análise. Sua versão A foi concluída no *agosto lilás 2022* na forma de um esboço de sua versão definitiva. Ela contém recomendações minhas à Diretoria Executiva da BHTrans. Pretendo que sua versão definitiva, quando publicada, auxilie órgãos de gestão da mobilidade urbana e órgãos de controle, Brasil afora, a não permitirem que direitos estabelecidos na legislação vigente sejam descaradamente ignorados como foram e, em muitas cidades, continuam sendo.

A NTL n.º 12 tem o nome provisório de *Táxi*.

A NTL n.º 13 tem o nome provisório de *Transporte escolar*.

A NTL n.º 14 tem o nome provisório de *Gratuidades e descontos no transporte coletivo e no trânsito*.

A NTL n.º 15 tem o nome provisório de *Calçadas, travessias de pedestre e passarelas*.

A NTL n.º 16 tem o nome provisório de *Estacionamentos reservados*.

A NTL n.º 17 tem o nome provisório de *Sinalização semafórica de trânsito*.

A NTL n.º 18 tem o nome provisório *Sinalização estatigráfica de trânsito*.

NTL n.º 19 tem o nome provisório *Indicadores de acessibilidade*.

Por fim, cabe aqui uma explicação, adicional, para ajudar a entender como venho desenvolvendo a pesquisa *Como viver junto na cidade*. Venho valendo-me de uma nebulosa de pensamento. Ela me envolve e vai tomando nova forma à medida em que avanço na pesquisa, enquanto vou buscando informações e as analiso. Foi com firmeza que adotei esse conceito, tão logo dele tomei conhecimento. Isso se deu quando conheci o *website Cronologia do pensamento urbanístico* e os três volumes da coleção *Nebulosas do pensamento*.⁴⁰ Foi com prazer que li muitos verbetes do *website* e artigos da coleção. Em um deles, por exemplo, aprendi que em meados do século XIX as escravizadas libertas usavam, para vender suas mercadorias ao público em Salvador (Bahia), “pequenos espaços alugados nas calçadas”.⁴¹

⁴⁰ *website* conforme PROURB/FAU-UFRJ et al. (2019) e coleção conforme JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. (2018; 2019); JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. & CERASOLI, J.F. (2020).

⁴¹ Conforme VELLOSO, R. (2020, p.407).

Como viver junto na cidade

Assim é, que entre uma frase e outra que escrevo em meu relatório, assisto ao curta-metragem “O Levante” de Jonathas de Andrade, releio o poema “No Governo” de Laís Corrêa de Araújo e consulto um requisito de acessibilidade em um documento da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).⁴² Entre a finalização de uma e outra NTL, publico um artigo ou um ensaio, faço uma palestra aqui e outra acolá. Cada uma das minhas publicações e cada um dos eventos dos quais participo interagem com a minha nebulosa de pensamento, dando-lhe nova e efêmera forma.

Sabemos, todos, que pesquisar é como escalar uma montanha: sabemos que queremos chegar ao cume, só não sabemos exatamente que caminho seguir para não sermos soterrados por uma avalanche.⁴³ Se você chegou até aqui neste documento, que é tão somente a primeira versão da introdução do relatório final da minha pesquisa *Como viver junto na cidade*, talvez tenha se interessado a, pelo menos, conhecer algo mais sobre a minha pesquisa. Se assim for, faça contato pelo e-mail marcosfolevantebh@gmail.com. A depender de seu interesse, posso lhe enviar a primeira versão de uma ou mais notas técnicas que já elaborei e integram a *série NTL*.

5 Considerações finais

Reafirmo, aqui, três premissas que vêm norteando minha pesquisa, desde seu início. Primeiro, que o desenho universal é uma ferramenta para alcançar a universalidade na fruição, com segurança e autonomia, de tudo aquilo que uma cidade pode oferecer. Segundo, que o desenho universal deve ser usado como uma arma contra as opressões, ao não ignorar que todas as pessoas são diferentes umas das outras. Terceiro, que a minha pesquisa nunca se esgotará, pois a qualquer momento surgirão com novas informações, novas leituras, novas descobertas, novas conquistas.⁴⁴

⁴² Vídeo conforme ANDRADE, J. (2014c); poema conforme ARAÚJO, L.C. (1995b). Para facilitar a consulta às normas da ABNT, que são muitas, organizei especialmente um verbete na Biblioteca do Levante-BH conforme OLIVEIRA, M.F., (2019c8).

⁴³ “A dificuldade de começar de forma válida um trabalho tem, frequentemente, origem numa preocupação de fazê-lo demasiado bem e de formular desde logo um projecto de investigação de forma totalmente satisfatória. É um erro. Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica. [...] Esse ponto de partida é apenas provisório, como um acampamento-base que os alpinistas constroem para prepararem a escalada de um cume e que abandonarão por acampamentos mais avançados até iniciarem o assalto final. [...] conforme QUIVY, R. & CAMPENHOUD, L.V. (2008a, p.31-32).

⁴⁴ Tão logo o *website* Levante-BH seja liberado para consulta, acesse os verbetes-chaves [acessibilidade](#) e [desenho universal](#) da Biblioteca do Levante-BH para conhecer como esses conceitos foram sendo constituídos ao longo do tempo, em um processo permanente de transformação. Após publicadas as versões finais de cada

Como viver junto na cidade

Por fim, retomo o início deste documento onde, logo após o cabeçalho, eu escrevi: “a Rolland Barthes (1915-1980)”. Esse escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês foi atropelado no dia 25 de fevereiro de 1980 (morrendo um mês depois), quando atravessava a *Rue des Écoles*, em Paris, a caminho do *Collège de France*. Segundo consta, ele teria acabado de almoçar com François Mitterrand, que seria eleito presidente da França no ano seguinte. Dedico a ele esta introdução do relatório da pesquisa *Como viver junto na cidade*.

REFERÊNCIAS⁴⁵

ABNT (2015b): ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. NBR 9050: *Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos / Accessibility to buildings, equipment and the urban environment*. 3.ed. (11.09.2015 - validade 11.10.2015). Rio de Janeiro: ABNT, 2015. Anexo A (informativo) - Desenho universal e seus princípios, p.139-140.

ABNT (2020a3): ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 9050: *Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos / Accessibility to buildings, equipment and the urban environment*. 4.ed. Rio de Janeiro: ABNT, 3 ago. 2020. Anexo A (informativo) - Desenho universal e seus princípios, p.138-139.

ALBUQUERQUE, J. (2020b): ALBUQUERQUE, Juliana. Como superar males sociais como holocausto e escravidão? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1º dez. 2020.

ANDRADE, J. (2014c): ANDRADE, Jonathas de. Colaboração: Cristina Gouvêa. Curta-metragem. *O Levante* (2012-13). vídeo, cor, som, 8', resolução HD. *YouTube*, 25 jun. 2014.

ANTP (2021b): ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS – ANTP. Home page. *ANTP pede a prefeito de BH que não sancione lei que extingue a BHTRANS*. São Paulo, 21 out. 2021.

ARAÚJO, L.C. (1995b): ARAÚJO, Laís Corrêa de. No Governo. In: _____. *Pé de página*. Belo Horizonte: Nonada, 1995. n.p.

BARTHES, R. (2002): BARTHES, Roland. *Comment vivre ensemble: simulations romanesques de quelques espaces quotidiens*. Cours et séminaires au Collège de France (1976-1977). Paris: Seuil/Imec, 2002. 250p.

BARTHES, R. (2003a): BARTHES, Roland. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977. Texto

nota da série NTL, almeja-se que qualquer leitor possa contribuir para seu aperfeiçoamento postando críticas e sugestões diretamente no *website*.

⁴⁵ Todas as referências aos documentos citados na pesquisa *Como viver junto na cidade* integram a Biblioteca do Levante-BH. Em sua grande maioria, são documentos com endereço eletrônico informado na biblioteca para acesso e/ou em arquivo que podem ser remetidos, a pedido, a qualquer interessado. Aqui, por uma escolha estética, omitimos esses endereços.

Como viver junto na cidade

estabelecido, anotado e apresentado por Claude Coste. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, R. (2005): BARTHES, Roland. *Cómo vivir juntos*: simulaciones novelescas de algunos espacios cotidianos. Notas de cursos y seminarios en el Collège de France, 1976-1977. Traducción: Patricia Wilson. Bajo la dirección de Eric Marty. Edición en español al cuidado de Beatriz Sarlo. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005. 256 p

BARTHES, R. (2012): BARTHES, Roland. *How to Live Together*: Novelistic Simulations of Some Everyday Spaces. Translator: Kate Briggs. New York: Columbia University Press, 2012. 222p.

BIENAL-SP (2007a): BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO, 27, 2007, São Paulo. como viver junto / how to live together. Editores: Lisette Lagnado; Adriano Pedrosa. São Paulo: Fundação Bienal, 2006. 622p. (catálogo da exposição, Pavilhão Ciccilio Matarazzo, Parque do Ibirapuera, São Paulo/SP, de 7 de outubro a 17 de dezembro de 2006, edição bilíngue português/inglês).

BIENNALE-ARCHITETTURA (2021a): BIENNALE ARCHITETTURA 2021 – LA BIENNALE DI VENEZIA. Home page. *How Will We Live Together?* Venice – Venezia, 2021.

BRANDÃO, J.S. (1986): BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 404p. (v.1).

BRUGUÉ, Q. et al. (2015): BRUGUÉ, Quim Brugué; CANAL, Ramón; PAYA, Palmira. ¿Inteligencia administrativa para abordar “problemas malditos”? El caso de las comisiones interdepartamentales / Managerial Intelligence to Address “Wicked Problems”: The Case of Interdepartmental Committees. *Gestión y política pública*, Ciudad de México, v.24, n.1, p.85-130, ene./jun. 2015.

CARVALHO, J.M. (1987): CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 196p.

CHARLOTTE D. (2022): CHARLOTTE D. O ar da cidade o torna livre: como as cidades libertavam as pessoas medievais. *Libertarian Europe*, s.l., s.d. Acesso em: 26 set. 2022.

CHAUÍ, M. (2020a): CHAUÍ, Marilena. Precisamos falar de Democracia – aula aberta com Marilena Chauí. vídeo, cor, 1h38’39”. *Youtube – canal Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica: clínica e política na transformação das práticas*, 3 out. 2020.

FELINTO, M. (2019): FELINTO, Marilene. Livro rompe com políticas de corpo e sexualidade. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 set. 2019. Caderno Ilustrada.

FRANÇA, J.L.; VASCONCELOS, A.C. (2007): FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina. *Manual para normalização de publicações técnico científicas*. 8.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255p.

JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. (2018): JACQUES, Paola Bernstein; PEREIRA, Margareth da Silva (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I – modos de pensar. Salvador: EdUFBA, 2018. 335p.

JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. (2019): JACQUES, Paola Bernstein; PEREIRA, Margareth da Silva (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo II – modos de fazer. Salvador: EdUFBA, 2019. 465p.

- JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. & CERASOLI, J.F. (2020):** JACQUES, Paola Bernstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CERASOLI, Josianne Francia (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo III – modos de narrar. Salvador: EdUFBA, 2020. 497p.
- KINGDON, J.W. (1995a):** KINGDON, John W. *Agendas, Alternatives, and Public Policies*. 2.ed. New York: Harper Collins, 1995. 253p.
- KINGDON, J.W. (2003c):** KINGDON, John W. *Agendas, Alternatives, and Public Policies*. 2.ed. New York: Longman, 2003. Chapter 8 – The Policy Window, and Joining the Streams, p.165-195.
- KISLINGER, H. (2018):** KISLINGER, Helmut. *Stadtluft macht frei: Eine Erzählung über ein leibeigenes Bauernpaar im 17. Jahrhundert*. Wilhering: Bayer Verlag. 2018. 160p.
- LEFEBVRE, H. (2008a1-2010):** LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2008 [2.reimp.2010]. 144p. Título original: *Le droit a la ville*.
- MANSUR, R. (2021):** MANSUR, Rafaela. Caeté, na Grande BH, terá transporte coletivo municipal gratuito a partir desta quinta-feira. *GI*, 30 jun. 2021.
- NEUENSCHWANDER, R. (2007):** NEUENSCHWANDER, Rivane. *Mapa Mundi BR (Postal)*, 2007. cartões postais, prateleiras de madeira (acervo de diversos museus e galerias).
- OLIVEIRA, M.F. (2002a):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *Transporte, privilégio e política: um estudo sobre a gratuidade no transporte coletivo em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Guanabara, 2002. 215p.
- OLIVEIRA, M.F. (2014a):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *Ausências, avanços e contradições da atual política de mobilidade urbana de Belo Horizonte: uma pesquisa sobre o direito de acesso amplo e democrático ao espaço urbano*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, 2014. 428p. (+ apêndices e anexos).
- OLIVEIRA, M.F. (2019c5):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Biblioteca do Levante-BH. Belo Horizonte, *Levante-BH*, 5 mar. 2019 [atualizado em 26 set. 2022].
- OLIVEIRA, M.F. (2019c8):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. NBR (norma brasileira). Belo Horizonte. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 4 abr. 2019 [atualizado em 16 ago. 2022].
- OLIVEIRA, M.F. (2019k):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Convite a um Levante. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 1º mar. 2019 [atualizado em 12 set. 2022].
- OLIVEIRA, M.F. (2020c3):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Cidade inclusiva. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 29 jul. 2020 [atualizado em 31 ago. 2022].
- OLIVEIRA, M.F. (2020r):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *Mapa-múndi do Brasil de Rivane Neuenschwander*. 2020. baú, cartões postais. (instalação).
- PASSAGEM (2022):** PASSAGEM GRATUITA. Prefeitura de Ibirité sanciona lei de ‘tarifa zero’ para transporte público. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 set. 2022.
- PROURB/FAU-UFRJ et al. (2019):** LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS (PROURB/FAU-UFRJ); Laboratório Urbano (PPG-AU/FAUFBA); Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade (IFCH-Unicamp); Cosmópolis (UFMG); Labeurbe (PPG/FAU-UNB); Urbanismo (UNEB). *Cronologia do Pensamento Científico (website)*. Coordenação

Como viver junto na cidade

equipe do PROURB/FAU-UFRJ: Paola Berenstein Jacques; Coordenação equipe PPG-AU/FAUFBA: Margareth da Silva Pereira. s.l., s.d. Acesso em: 10 jul. 2019.

QUIVY, R. & CAMPENHOUD, L.V. (2008a): QUIVY, Raymond; CAMPENHOUD, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais*. Tradução de João Minhoto Marques et al. 5.ed. rev. aumentada. Lisboa: Gradiva, 2008. 282p. Título original: *Manuel de recherche en sciences sociales* (Dunod, Paris, 1995).

RAMOS, N. (2022b): RAMOS, Nuno. A extinção é para sempre. *Portal Sesc*, São Paulo, 24 maio 2022.

RIBEIRO, D. (2017): RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. 112p. (versão eletrônica, 68p.).

RITTEL, H.W.J. & WEBBER, M.M. (1973): RITTEL, Horst W. J.; WEBBER, Melvin M. Webber. Dilemmas in General Theory of Planning. *Policy Sciences*, s.l. (ed.: Springer), v.4, n.2, p.155-169, jun. 1973.

VELLOSO, R. (2020): VELLOSO, Rita. Narrar por processos. In: JACQUES, Paola Bernstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CERASOLI, Josianne Francia (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo III – modos de narrar. Salvador: EdUFBA, 2020. p.404-429.

VON HUNTY, R. (2020c): VON HUNTY, Rita. Lugar de fala e a confusão que se faz – entrevista portal Pheeno parte 2/3. vídeo, cor, 22'18". *Youtube – canal Tempero Drag*, [2020].

ASSINATURAS

documento elaborado por

Marcos Fontoura de Oliveira – Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte S.A (BHTrans).

supervisão

Rosário Macário – Instituto Superior Técnico (IST) da Universidade de Lisboa.

CONVITE A UM LEVANTE

Home (<https://levantebh.com.br/>)

Arte, Cultura, Filosofia, História, Política, Sociologia (<https://levantebh.com.br/category/arte-cultura-filosofia-historia-politica-sociologia/>)

Convite a um Levante

 by Marcos Fontoura de Oliveira (<https://levantebh.com.br/author/marcosfontoura/>)

 1 de março de 2019 (<https://levantebh.com.br/arte-cultura-filosofia-historia-politica-sociologia/convite-a-um-levante/>)

 Comments (0) (<https://levantebh.com.br/arte-cultura-filosofia-historia-politica-sociologia/convite-a-um-levante/#respond>)

Belo Horizonte, 1º de março de 2019

Convite a um Levante

No momento em que começo a escrever estas linhas – entre novembro e dezembro de 2017 – estou em Belo Horizonte, ainda sob o impacto do que vi, ouvi e senti durante um final de semana que passei na cidade de São Paulo. Para que isso não se perdesse, resolvi fazer este registro que você está lendo.

O meu impacto começou quando caminhei até a Praça da República, bem no centro da cidade, tomei o metrô e fui até o Largo da Batata para, após desembarcar, caminhar até o Sesc Pinheiros. Eu já havia feito esse percurso muitas vezes, mas dessa vez alegrei-me especialmente. Senti-me gratificado por ter à minha disposição, para eu poder usar quando (e se) quiser um serviço de transporte público tão eficiente, de tão boa qualidade, tão diferente do que estou acostumado no meu dia-a-dia em Belo Horizonte. Minha primeira sensação do dia foi, portanto, um mix de alegria e de inveja.

Meu percurso naquela manhã tinha um objetivo definido: ir à exposição *Levantes* no Sesc Pinheiros. Com o nome *Soulèvements*, a exposição foi aberta ao público pela primeira vez em Paris, em outubro de 2016. Ela esteve exposta em São Paulo de outubro de 2017 a

janeiro de 2018 e sua itinerância incluiu, ainda, Barcelona, Buenos Aires, Cidade do México e Montreal.

Levantes é um evento realizado pelo Instituto Cultural Jeu de Paume, de Paris, que acatou a proposta do filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman. A exposição é composta por instalações, pinturas, fotografias, poemas, documentos, vídeos e filmes que não pretendem construir uma narrativa cronológica e nem histórica. Ela pretendeu ser uma montagem ou, como vi com meus próprios olhos, uma colagem de fragmentos. E que colagem!

Diferente do que geralmente faço quando vou a um evento desse tipo, dessa vez eu não levei o meu iPhone para registrar as imagens que me impactariam. Por isto, ao chegar decidi ir me detendo um tempo a mais do que eu certamente faria, em cada imagem que eu via e em cada som que eu ouvia, para que eu pudesse melhor registrá-los em minha memória. Esse esforço premeditado não durou muito, pois a sucessão de impactos foi me levando a relaxar da tarefa de ter que me lembrar para, simplesmente, desfrutar do que estava ali. Foi o que fiz, andando pelos corredores da pequena, mas impactante, exposição.

Foi com emoção que revi, dentre muitas outras obras, a *Natureza das coisas* do belo-horizontino Pedro Motta; gravuras do espanhol Francisco de Goya; fotografias tiradas de crianças, jovens e adultos norte-irlandeses, nas ruas, jogando pedras em inimigos que não vemos (mas sabemos) quem são; notas de dinheiro nas quais o carioca Cildo Meirelles pergunta *quem matou Herzog?* e as *Soldaderas* da Revolução Mexicana. Adorei, especialmente, ver uma fotografia de 1969 dos *Black Panthers* em Chicago, com punhos fechados e mãos levantadas para o alto: ela me transportou à magnífica exposição *Todo poder ao povo! Emory Douglas e os Panteras Negras* que tive o prazer de ver ali mesmo, no Sesc Pinheiros, no início de 2017.

Foi também com bons sentimentos que me deparei com imagens que eu nunca havia visto e passam a fazer parte do meu repertório. Emocionei-me ao ficar diante do caderno de notas de Bertold Brecht para a montagem de *Mãe coragem*. Perto dele, parei diante da fotografia que Willy Ronis tirou de Rose Zehner falando às suas colegas trabalhadoras da Citroën em 1938. Eu quase a escutei conclamando-as à greve em busca de melhores condições de trabalho. Uma questão técnica impediu a publicação da fotografia na época em que foi tirada e ela só foi conhecida do público em 1979, quarenta anos depois. A foto ficou esquecida nos arquivos do fotógrafo, que só se lembrou dela quando foi convidado a publicar um livro-retrospectiva. Uma vez, finalmente, publicada, Rose se reconheceu na

foto e procurou o fotógrafo. Dois anos mais se passaram e eles, finalmente, se encontraram e se conheceram. Ela, então, confidenciou a ele: “Quando eu vi você tirar a foto e ir-se embora, eu pensei que você fosse um policial” [1]. Fiquei sabendo dessa estória bem depois de vê-la na exposição, quando cheguei em Belo Horizonte e fui pesquisar na internet para saber mais sobre aquela foto que me impressionara. Minha pesquisa também me levou a saber que essa insurgente teve uma longa vida, morrendo aos 99 anos. *Repouse en paix*, Rose Zehner. *Merci* por nos legar essa bela imagem de seu levante.

Três vídeos de Roman Signer me deixaram siderado na exposição, fazendo-me assisti-los várias vezes como uma criança diante de um desenho animado. Descrevo aqui um deles, de 2005, chamado *Rotes Band / Red Tape*, ou seja: *Fita Vermelha*. Um carretel de fita vermelha é desenrolado pela força de um vento que vem do chão. A fita vai voando e caindo e tornando a voar e a cair, tudo isto em função da fita estar mais perto ou mais longe do vento. Isso é tudo o que vemos nesse curtíssimo vídeo do premiado artista plástico suíço. Saí dali com a certeza de que quando o carretel se desenrolar totalmente, o vento parar e a fita cair totalmente no chão, imóvel, essa fita nunca mais será a mesma que estava totalmente enrolada no carretel antes do vento começar a soprá-la. Que nos soprem bons ventos, então, sempre!

Terminada a minha visita, procurei o catálogo para comprar, ali mesmo no Sesc. Fiquei bastante decepcionado com a notícia de que “ele ainda não chegou da França, onde foi impresso”. Meu desejo foi frustrado e tive que me contentar com o mini-catálogo distribuído gratuitamente. Fui-me embora do Sesc Pinheiros em direção à Avenida Paulista tomando aquele mesmo belo e eficiente metrô, com suas portas de vidro meio futuristas que separam a plataforma dos trilhos. Meu objetivo era conhecer o novo edifício do Instituto Moreira Salles (IMS).

O local escolhido para abrigar e expor o vasto acervo artístico e fotográfico do IMS está em um dos locais mais caros e cobiçados de São Paulo: Avenida Paulista, próximo à esquina da Rua Bela Cintra. Logo na entrada, me deparei com uma das muitas e belas ousadias do projeto: a recepção está no andar seguinte, deixando o térreo como uma extensão da calçada. Belo presente aos pedestres em tempos de privatização acelerada de espaços públicos. Tomei a escada-rolante e, do primeiro andar, fui diretamente ao último, para poder ir descendo pelas escadas e conhecer cada um dos andares que estivessem abertos ao público. Os impactos nesse percurso não foram menores.

Destaque-se nessa minha visita ao IMS a coleção completa de 83 fotografias da série *Os americanos*, de Robert Frank, com direito a conhecer parte dos negativos das 27 mil imagens que não compuseram o livro publicado em 1958. Destaque também, para a instigante videoinstalação *The Clock*, de Christian Marclay, com 24 horas de duração. Claro que me sentei para assistir apenas a um pedaço dela, o que já me bastou para ficar extasiado com a ideia do artista, até mesmo mais do que com o produto em si. Premiada na Bienal de Veneza em 2011, a obra é um filme, resultado de uma longa colagem de fragmentos de muitíssimos filmes, que apresentam ao espectador imagens com relógios ou falas sobre a hora, em tempo real, em total sincronia com a hora exata em que estamos assistindo.

No último andar de quem vai descendo, que é o primeiro do edifício, logo acima do térreo, há uma livraria. O local é convidativo: parece que estamos na rua, com um belíssimo e bem assentado mosaico de pedras portuguesas compondo todo o piso do andar. Como de hábito, fui ver o que havia na livraria e qual não foi a minha surpresa. Lá estava, à venda, o catálogo de *Levantes*, que eu havia desejado horas antes. Comprei-o imediatamente! No fim do dia, já de volta ao hotel, com a preciosidade adquirida nas mãos e as imagens ainda em minha cabeça, passei horas lendo e revisitando a exposição. Por isso consegui fazer, como faço aqui, um registro tão cheio de detalhes.

Para concluir estas minhas linhas, recorro a Oswald de Andrade, que anda reverberando em minha alma desde que assisti, também em São Paulo, à remontagem de *O rei da vela*. Em sua *A marcha das utopias*, Oswald diz que “No fundo de cada Utopia não há somente um sonho, há também um protesto”. Ele explica, citando um estudo de Karl Mannheim, que “toda Utopia se torna subversiva, pois é o anseio de romper a ordem vigente” [2].

Assumo, então, que para mim uma utopia é também um levante, uma insurgência, uma dissidência [3]. Parafraseando Henri Lefévre, acredito no direito à cidade tomado em toda a sua amplitude [4]. E mais: minha aposta é que a marcha humana sobre a Terra segue, como propõe Norbert Elias, um processo civilizador [5].

Por fim, gostaria de fazer um alerta a você que está lendo estas minhas confidências no site do Levante-BH. Saiba que está sendo cúmplice de alguém que, como James Baldwin, não está em silêncio e, portanto, não é nem pessimista e nem amargurado [6].

Essa utopia começou a ser gestada enquanto eu me deliciava com os *Soulèvements* recolhidos por Didier-Huberman e expostos em São Paulo. Ela foi tomando corpo enquanto eu escrevia e reescrevia este texto, enquanto eu saboreava textos e imagens do precioso

catálogo. Entre uma escrita e uma reescrita, conversando com amigos mais próximos, fomos concebendo a ideia de instituir uma rede. O resultado inicial é o que você vê aqui. Demos a ele o nome de rede da acessibilidade, diversidade, sustentabilidade e utopias na mobilidade urbana de Belo Horizonte. Bem sabemos que se trata de um nome extenso, mas uma rede precisa ter um nome capaz de bem definir o seu objeto. Nossa escolha por uma palavra que o identificasse, como um apelido, uma logomarca, não poderia ser outra: LEVANTE-BH.

Desde o início, nosso principal desafio era (e ainda é) criar uma forma inovadora e insurgente de trabalhar em rede em prol de uma mobilidade urbana para todas e todos em Belo Horizonte. Temos poucas certezas, neste momento inicial de construção de nossa rede, mas uma delas é que não queremos, definitivamente, ser apenas mais um coletivo. Queremos mais do que observar, mais do que criticar, mais do que escrever artigos. Para tanto, precisamos aprender a ser libertários e interferir no cotidiano de Belo Horizonte com ações concretas que sejam capazes de melhorar, um pouco que seja, a vida daqueles que mais precisam [7]. Alguns poucos desafios já estão formalizados, outros certamente virão.

Se este texto lhe agradou, sugerimos que navegue pelo restante do nosso site. Comece pelo poema *No governo* [8], de Laís Corrêa de Araújo, e em seguida conheça a Biblioteca do Levante-BH. Não deixe, também, de visitar o quem somos para conhecer um pouco sobre cada um/uma de nós que pretendemos construir juntos o LEVANTE-BH. Se você se sentir à vontade, faça contato com um/uma de nós. Será um prazer ter você em conexão com nossa rede.

Abraços,

Marcos Fontoura de Oliveira

P.S. (escrito em 30 de setembro de 2022):

Mal sabia eu, naquele hoje longínquo ano de 2019, que uma epidemia de Covid-19 paralizaria o mundo em 2020. A rede inicialmente idealizada foi, então, transformada e ajustada para ser um dos produtos de uma pesquisa de pós-doutorado denominada *Como viver junto da cidade*. Essa pesquisa foi formalmente em maio de 2022 e pretendo concluí-la em até dois anos. Como parte dessa transformação, este texto confessional torna-se o Anexo 1 da introdução do relatório final da pesquisa. Repito, aqui, o que digo no corpo dessa introdução: “se gostar do que leu e/ou se seus interesses convergirem com os meus, faça contato comigo para conversarmos e seguirmos pesquisando *juntos*. Oxalá isso aconteça”.

NOTAS:

1. Essa estória sobre a fotografia de Rose Zehner foi contada pelo próprio fotógrafo em: RONIS, Willy. Interview (<https://levantebh.com.br/uncategorized/willy-ronis/>) [entrevista concedida a Michel Doussot]. *Blogpasblog*, 6 mar. 2015. A fala dela a ele, aqui apresentada, é uma tradução livre minha.
2. ANDRADE, Oswald de. A marcha das utopias (<https://levantebh.com.br/uncategorized/capitulo-a-marcha-das-utopias/>). In: _____. *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p.194.
3. Para o conceito “insurgência” baseio-me em: ARANTES, Paulo. Depois de junho a paz será total. In: _____. *O novo tempo do mundo* (<https://levantebh.com.br/politica/livro-o-novo-tempo-do-mundo-de-paulo-arantes/>). São Paulo: Boitempo, 2014. p.353-460.
4. O conceito “utopista” e a frase “tomado em toda a sua plenitude” estão em: LEFEBVRE, Henri. Introdução. In: _____. *Espaço e política* (<https://levantebh.com.br/politica/livro-espaco-e-politica-de-henri-lefebvre/>). Tradução: Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.34.
5. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador* (<https://levantebh.com.br/politica/livros-o-processo-civilizador/>). Tradução da versão inglesa: Ruy Jungman. Revisão, apresentação e notas: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.I – Uma história dos costumes. 277p. / 1993. v.2 – Formação do Estado e Civilização. 307p. Título original: *Über den Prozess der Zivilisation*.
6. Assim relatou Baldwin: “Não. Eu não sou um pessimista. Os pessimistas, tenho percebido, estão em silêncio. Eu também não sou amargurado, por exemplo. As pessoas amarguradas também estão em silêncio. Não, não sou pessimista.” em: BALDWIN, James. Entrevista ao jornalista Nathan Cohen da Canadian Broadcasting Corporation (<https://levantebh.com.br/arte-cultura-e-politica/entrevista-de-james-baldwin/>). In: FUMAÇA. James Baldwin – Ninguém sabe o meu nome (<https://levantebh.com.br/arte-cultura-e-politica/james-baldwin-ninguem-sabe-o-meu-nome-no-portal-geledes/>). *Portal Geledés – Instituto da Mulher Negra*, 9 dez. 2018. vídeo, 1h02’20”; transcrição em seis blocos. parte V – 1h02’13” a 1h02’57”.
7. “[...] o papel dos libertários (sejam anarquistas, comunistas, socialistas) consiste em oferecer soluções práticas aos problemas urgentes que o povo enfrenta, através do sistema de autogestão, sob os princípios da liberdade, dignidade e solidariedade.” em: SOUKI, Léa Guimarães. Barcelona (<https://levantebh.com.br/uncategorized/artigo-barcelona-em-revista/>): a persistência de uma cultura libertária. *Projeto História*, São Paulo, n.63, p.240-278, set.dez.2018.
8. “NO GOVERNO / ‘A seara é grande / mas os lavradores são poucos’ / Os gafanhotos são muitos.” em: ARAÚJO, Laís Corrêa de. No governo (<https://levantebh.com.br/arte/no-governo/>). In: _____. *Pé de página* (<https://levantebh.com.br/referencia/pe-de-pagina-de-lais-correa-de-araujo/>). Belo Horizonte: Nonada, 1995. sem paginação.

Acesse também as demais referências citadas neste convite: *home page de Soulèvements* (<https://levantebh.com.br/uncategorized/home-page-da-expsocao-soulevements/>); intervenção *Natureza das coisas* (<https://levantebh.com.br/arte/natureza-das-coisas/>); gravuras de Goya (<https://levantebh.com.br/arte/gravuras-de-goya/>); fotografias com manifestantes católicos norte-irlandeses (<https://levantebh.com.br/arte/manifestantes-catolicos/>) nas ruas; intervenção *quem matou Herzog?* (<https://levantebh.com.br/arte/quem-matou-herzog/>); fotografia *Soldaderas* (<https://levantebh.com.br/arte/soldaderas/>); fotografia *Manifestations des Black Panthers* (<https://levantebh.com.br/arte/fotografia-manifestations-des-black-panthers/>); exposição *Todo poder ao povo! [...]* (<https://levantebh.com.br/arte/exposicao-todo-poder-ao-povo/>); fotografia *Citroën Javel, Rose Zehner, déléguée syndicale* na entrevista de Ronis Willys (<https://levantebh.com.br/arte/willy-ronis/>), vídeo *Rotes Band / Red Tape* (<https://levantebh.com.br/arte/video-rotas-band/>); videoinstalação *The Clock* (<https://levantebh.com.br/arte/videoinstalacao-the-clock/>); exposição *Os americanos* (<https://levantebh.com.br/uncategorized/exposicao-e-livrothe-americans/>); catálogos da exposição *Levantes* (<https://levantebh.com.br/uncategorized/catalogo-de-levantes/>); peças teatrais *O rei da vela* (<https://levantebh.com.br/arte/programa-de-o-rei-da-vela/>) e *Mãe coragem* (<https://levantebh.com.br/arte-cultura-e-politica/mae-coragem-de-brecht/>).

Se você gostou desta postagem, deixe seu comentário. Se gostou muito, cite-a em algum escrito seu e/ou compartilhe-a com outros pesquisadores.

Se você avalia que há algo nessa postagem que precisa ser revisto, deixe a sua sugestão para que possamos aprimorá-la. Se quiser contribuir com algum outro documento que possa ser agregado à Biblioteca do Levante-BH, por favor compartilhe-o conosco.

Assim fazendo, vamos construindo cidades inclusivas.

referência para citação:

OLIVEIRA, M.F. (2019k): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de (<https://levantebh.com.br/politica/producoes-de-marcos-fontoura-de-oliveira/>). Convite a um Levante. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 1º mar. 2019 (atualizado em 30 set. 2022).



#pracegover: mensagem escrita em quadrado com fundo preto: "DITADURA NUNCA MAIS! (letras vermelhas) LEMBRAR PARA NÃO ESQUECER (letras brancas)"

atualização em 31 de março de 2019 (55 anos do golpe de 1964) para dar acesso a Léa Souki (<https://levantebh.com.br/outras-categorias/lista-de-insurgentes-do-levante-bh/>)

pequeno ajuste em 14 de outubro de 2020 para compartilhar com Ronaldo Guimarães Gouvêa (<https://levantebh.com.br/outras-categorias/lista-de-insurgentes-do-levante-bh/>)

pequeno ajuste em 16 de janeiro de 2022 em paralelo com a finalização da NTA n.º 6E

(<https://levantebh.com.br/urbcidmoburbtranspranst/nta-n-o-5e/>)

pequeno ajuste em 12 de setembro de 2022 para compartilhar com Rosário Macário (<https://levantebh.com.br/outras-categorias/lista-de-insurgentes-do-levante-bh/>)

inclusão do P.S. em 30 de setembro de 2022 para transformação da postagem em anexo do relatório final da pesquisa *Como viver junto na cidade*



postagens públicas (<https://levantebh.com.br/tag/postagens-publicas/>),

referências (<https://levantebh.com.br/tag/referencias/>),

verbetes-referências (<https://levantebh.com.br/tag/verbetes-referencias/>)

Previous Article:

Boas-vindas

(<https://levantebh.com.br/outras-categorias/boas-vindas/>)